

# As metamorfoses do 'método científico' e do 'capital'

Diogo da Silva Roiz<sup>1</sup>

**Resenha.** MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência:** a determinação social do método. Tradução de Luciana Pudenzi (et. al.). São Paulo: Boitempo Editorial, 2009. 309 p.

A obra de István Mészáros é suficientemente conhecida no Brasil, o que dispensa uma apresentação prévia.<sup>2</sup> No entanto, pelo menos três informações são fundamentais: a) que sua obra é uma defesa sobre a potencialidade do 'socialismo' para o século XXI; b) que o 'sistema de capital' deve ser veementemente rebatido e criticado, para se alcançar a emancipação humana e a realização da liberdade; c) e que a obra de Marx e o marxismo continuam sendo uma inspiração para se planejar o presente, rever o passado e propor caminhos para o futuro. Além de prosseguir essas metas, o seu novo livro: *Estrutura social e formas*

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação da UNESP, Campus de Franca. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai, em afastamento integral para estudos.

<sup>2</sup> No Brasil já se encontram traduzidos seus livros: MÉSZÁROS, I. *A obra de Sartre: busca da liberdade*. São Paulo: Ensaio, 1991; MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002; MÉSZÁROS, I. *O século XXI: socialismo ou barbárie?*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003; MÉSZÁROS, I. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004 (1ª ed. Br. 1996); MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005; MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006 (1ª ed. Br. 1981); MÉSZÁROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007; MÉSZÁROS, I. *Filosofia, Ideologia e Ciência Social*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008 (1ª ed. Br. 1993); MÉSZÁROS, I. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009; MÉSZÁROS, I. *Estrutura social e formas de consciência: a determinação social do método*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

*de consciência*, tem como principal objetivo demonstrar que o próprio ‘método científico’ (que foi elaborado como uma tentativa de prescrever objetivamente um percurso de construção do conhecimento ao analisar seu objeto, na medida em que a ciência seria produzida sem a mediação de interesses de classe), seria um instrumento do capital, passível de interesses de classe, e como tal, acompanharia as metamorfoses do sistema, bem como suas intervenções ideológicas.

Nessa linha argumentativa, que o autor procura demonstrar que o próprio “método científico” é social e politicamente determinado, quer dizer, construído sob pressões de todos os níveis, cujas formas de expressão estão representadas em posições de classes, as quais se encontram em lugares dirigentes em todas as instituições políticas e sociais, pois, os “parâmetros metodológicos fundamentais das épocas históricas são circunscritos pelos *limites estruturais últimos* de sua força dominante de controle sociometabólico e, como tal, são definidos segundo as potencialidades (e, evidentemente, também de acordo com as limitações) inerentes ao modo dominante de atividade produtiva e à correspondente distribuição do produto social total” (p. 10).

Nesse sentido, o autor de detém nas principais características que compõem o método científico, tais como: a orientação pragmática das ciências, o formalismo, a individualidade isolada do pesquisador, a determinação negativa da filosofia e da teoria social, a supressão da temporalidade histórica, a imposição de uma matriz categorial dualista e dicotômica e a constituição dos postulados abstratos de unidade e universalidade conceituais. Para ele:

A determinação social do método não significa – e não pode significar – que a posição metodológica e ideológica correspondente ao ponto de vista do capital seja *imposta* aos pensadores em questão, incluindo as figuras mais destacadas da economia política burguesa e da filosofia. Eles próprios *incorporam-na* ativamente *como sua*, ao longo da articulação – e do processo criativo dessa articulação – da posição que integra os *interesses* fundamentais, bem como os *valores*, de uma ordem socioprodutiva com a qual se identificam. Eles são *participantes conscientes* numa empreitada que sempre envolve o conflito e o confronto com os defensores de conjuntos de valores potencialmente rivais – ainda que os interesses sociais correspondentes não sejam (ou não possam ser, em virtude da imaturidade histórica das forças sociais rivais) inteiramente explicitados por seus adversários – pois

mesmo a *ideologia dominante* mais arraigada jamais pode ser *absolutamente dominante* (p. 12).

Não sem razão, a “ideologia dominante não pode sustentar suas alegações de validade universal sem negar sistematicamente a inevitabilidade das determinações históricas por meio da *eternização* de sua própria posição, não importando o grau de distorção (...) necessário para tornar plausível sua visão anistórica do sistema pretensamente inalterável de intercâmbio sociorreprodutiva” (p. 15). Ao lado desta questão, cumpre notar ainda que “o significado das determinações históricas dinâmicas é frequentemente compreendido de modo equivocado como um tipo de necessidade fatalista também por parte daqueles que não têm interesse em adotar o ponto de vista do capital”, e “o contraste entre as visões dos grandes pensadores do passado mais remoto e algumas conceituações dos mesmos problemas é muito reveladora” (p. 15). Nestas circunstâncias a relação “entre a estrutura social e as formas de consciência é seminalmente importante”, pois, “a estrutura social efetivamente dada constitui o quadro e o horizonte gerais nos quais os pensadores particulares, em todos os campos do estudo social e filosófico, estão situados e em relação aos quais têm de definir sua concepção de mundo” (p. 17).

Foi pensando nos pólos desses problemas, alguns dos quais ainda presentes em nossas sociedades, que o autor procurou formular as indagações e respostas propostas neste livro. Para ele, a “predisposição ideológica idealista que situa os determinantes da mudança social fundamental em ‘espíritos de época’ que emergem misteriosamente e em ‘princípios formais’ autogeradores (...) só pode servir para solapar (...) a crença na viabilidade de intervenção radical na esfera socioeconômica com o propósito de instituir uma alternativa à ordem estabelecida” (p. 33). Se os domínios do método fizeram “a temporalidade” ser, em princípio, “suprimida radicalmente e o domínio da história humana” estar “submerso no mundo cósmico da natureza”, visto sem sentido, nem por isso todas as pretensões de objetividade, verdade e cientificidade foram alcançadas. Nesse ponto, “a supressão da temporalidade histórica é provavelmente o mais poderoso dispositivo ideológico no arsenal da ideologia dominante” (p. 102).

Em vista dos imprescindíveis obstáculos circunstanciados na formulação do método científico, que, para o autor, devemos pensar a formulação de outro método para esta sociedade em mudança histórica. Mas, “a mediação em questão pode adquirir seu significado apropriado apenas enquanto mediação dos indivíduos sociais por si próprios, os quais exercem seu controle genuíno sobre o processo de re-

produção social como *sujeitos reais livremente associados* de sua ação *planejada de modo abrangente*, junto aos detalhes práticos de sua implementação” (p. 283).

Portanto, ao abordar os vários níveis que compõem a *estrutura social* e as correspondentes *formas de consciência*, que se fez necessária uma total revisão quanto aos mecanismos de *determinação social e política do método*. Em vista disso, cumpre ainda notar, que o autor prescreveu caminhos necessários para a emancipação destes vínculos que restringem a ação dos indivíduos, sobrepujados pelas classes dominantes, que forjam ideologias, amplamente divulgadas, que submetem tanto os métodos científicos, quanto seus resultados, aos valores das classes dominantes no poder. Não por acaso, a sua maior meta foi justamente pensar alternativas para esses empecilhos, num momento crucial de mudanças sociais, onde método e ciência podem também dar contrapartidas fundamentais para esse processo de transição, nos mecanismos sociometabólicos do capital. Por essas razões, esse é um livro imprescindível para se entender a nossa época – independentemente da posição de classe amplamente defendida pelo autor, no interior de suas propostas de emancipação social.

Diogo da Silva Roiz  
E-mail: diogosr@yahoo.com.br

Resenha recebida em dezembro/2010.  
Aprovada em dezembro/2010.